

A memória da escritura e o impensado da língua

The Memory of Writing and the Thoughtlessness in Language

PHILIPPE WILLEMART*

Universidade de São Paulo – SP – Brasil

Resumo: Nesse artigo, serão redefinidos três conceitos, que ajudam a entender o andamento do pensamento do escritor quando escreve e que têm relação com a memória da escritura: o saber genético, o inconsciente genético e o impensado da língua.

Palavras-chave: Memória, Escritura, Saber, Inconsciente genético, Língua.

Abstract: In this article, three concepts that help the understanding of the writer's thought-process when writing and that are related to the memory of writing will be redefined: genetic knowledge, genetic unconscious and the unthinking in language.

Keywords: Memory, Writing, Knowledge, Genetic unconscious, Language.

O conceito de Memória¹

Antes de examinar essa problemática, todavia, retomaremos o conceito de memória, sem alusão à escritura, de dois especialistas, um psicólogo e um escritor.

Iván Izquierdo, tendo estudado por mais de quarenta anos esse aspecto da vida psíquica, lista várias espécies de memória na sua relação com outros fenômenos psíquicos e torna a noção bastante complexa. Selecionei uma das definições que pode ajudar-nos a entender

a memória da escritura: “Enquanto Norbert Bobbio dizia que ‘somos constituídos do que nos lembramos’, tenho o hábito de acrescentar: somos também o que decidimos esquecer”.²

Por outro lado, Pascal Quignard a define como segue:

A memória não é o armazenamento do que é impresso no material do corpo. É o da eleição, da coleta, da chamada e do retorno de um único elemento no seio do que foi estocado em bloco. O esquecimento não é amnésia. O

* Laboratório do Manuscrito Literário-Núcleo de Apoio à Pesquisa em Crítica Genética – Universidade de São Paulo.

¹ P. Willemart, *Os processos de criação na escritura, na arte, e na psicanálise*, p. 23-35.

² I. Izquierdo, *La Psyché humaine*, *Multiciência*, mar. 2004, disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/art01_3_f.htm>

esquecimento é uma recusa da volta do bloco do passado para a alma. Esquecer não se confronta jamais com o apagamento do algo frágil e enfrenta o enterramento do que é insuportável. Reter é a operação que consiste na organização do esquecimento de todo o resto que deve cair a fim de preservar o que desejamos que volte [...] A memória é primeiramente uma seleção do que é para esquecer, em seguida, uma retenção apenas do que se quer afastar da influência do esquecimento que a fundamenta.³

As informações chegam à nossa mente de todos os lados, exatamente pelos cinco sentidos, sejamos escritores ou não, e, em seguida, passam pelo inconsciente antes de chegar à consciência, como mostra o esquema do aparelho psíquico imaginado pelo fundador da psicanálise em 1900 quando tentava explicar os fenômenos da mente.⁴ Quignard fala de impressão numa matéria biológica; não é, portanto, algo de aéreo ou de espiritual, é corporal; Freud não falava outra coisa quando tentava ligar o psíquico ao corpo com a teoria das pulsões.

Cruzamos aqui em parte o campo das neurociências. O progresso na descrição do cérebro, utilizando várias técnicas bem como a capacidade para testar, seja os efeitos de uma droga ou uma deficiência localizada⁵, levaram alguns cientistas a acreditar que iriam chegar à origem do pensamento. No entanto, apesar das técnicas de medição ou de captação bastante fina dos movimentos do

cérebro, ou das tentativas de identificação de um neurônio para uma imagem, a complexidade do cérebro é tal que a passagem do neural ao mental continua um mistério.

O estudo por imagens confirmou o funcionamento holístico do cérebro e permitiu que cientistas identificassem a função das zonas do cérebro desde 1859, como o médico Paul Brocas⁶, mas mesmo assim, até hoje, nenhum aparelho pode dizer como funciona o pensamento.⁷

Por outro lado, convencido que nosso pensamento e as atividades dependem do conjunto da mente e do meio ambiente e não de um gene específico, Daniel Noble, um pioneiro da biologia dos sistemas, é claro:

O código DNA, que é somente uma sequência de base, não tem sentido enquanto não está interpretado funcionalmente, primeiro pela máquina celular (célula/proteína), que inicia e controla a fase de transcrição, em seguida pelos sistemas de interação entre o nível mais elevado de proteínas, os quais geram as funções fisiológicas superiores. Um gene é impotente sem essa interpretação pelo sistema. Um pedaço de DNA é como uma palavra privada do quadro semântico da linguagem na qual está expressa. O sistema fornece o quadro semântico e dá ao gene sua funcionalidade própria, seu sentido.⁸

Voltando à definição de Quignard: “Reter é a operação que consiste na organização do esquecimento de todo o resto que deve cair a fim de preservar o que desejamos que volte”, a memória teria

³ P. Quignard, *Le Nom sur le bout de la langue*, p. 63-64.

⁴ S. Freud, *L'Interprétation du rêve*.

⁵ O processo procura determinar a quantidade de energia usada pelo cérebro pela emissão de pósitron (TEP) ou perceber as partes do cérebro que trabalham durante uma atividade pela ressonância magnética (RMN) ou pela magnetoencefalografia (MEG).

⁶ M. Moura, *Visões Íntimas do Cérebro*, Pesquisa Fapesp, n. 126, ago. 2006, p. 38

⁷ J.-P. Changeux et al., *Le Cerveau*, emissão da France Culture dos dias 4, 11, 18 e 25 de março de 2004

⁸ D. Noble, *La Musique de la vie*, p. 47.

por função organizar o esquecimento e separar as informações que queremos reter das outras que nos interessam menos.

A afirmação de Quignard merece duas nuances. Primeiro, o “querer preservar” pode decorrer tanto do consciente quanto do impensado e, em segundo lugar, daria uma autonomia relativa às informações porque elas se auto-organizam.

Podemos suspeitar que as informações que entram na mente se juntariam segundo critérios de simultaneidade ou de semelhança, e não somente segundo nosso bem querer. A memória não dependeria, portanto, de nossa vontade, mas da auto-organização das informações na mente, o que leva a reconhecer certa autonomia à circulação das informações.

Não é o que observamos em nossos trabalhos de pesquisas ou de redação de teses? Raramente, conseguimos terminar um artigo no mesmo dia. O tempo não somente amadurece a reflexão, mas também deixa pensar e trabalhar a mente sem nossa intervenção. Bastará, em seguida, ouvir para se tornar, por sua vez, instrumento da pesquisa e não mais seu condutor.

Tomamos o exemplo do escritor. A memória da escritura corresponde realmente à definição de Izquierdo: “somos também o que decidimos esquecer”? O “decidimos” incomoda porque não conta com a parte da memória que está lá, mas que ignoramos. Não é que nunca soubemos que essa parte não seja nossa, mas, caída no esquecimento, ela volta sem querer, chamada por uma palavra, uma lembrança, uma sensação ou uma situação, como na canção “La Petite note de musique”⁹, de Yves Montand.

Quando o escritor escolhe um assunto, e é raro que não saiba sobre o que ele quer escrever, uma memória seletiva se constitui, memória que chamei memória da escritura.

Quando inicia a escrita, todas as informações coletadas na sua mente sobre o assunto escolhido, frutos de leituras, anotações, cadernos, por tudo o que ele viu, ouviu ou sentiu, chegam em massa e querem entrar na página. A memória da escritura é, portanto, constituída das informações que tocam o assunto escolhido, mas ainda não transcritas na tela ou no papel.

É uma operação de transferência entre a mente e o manuscrito ou o computador que acontece numa zona invisível em que trabalha o escritor durante o tempo que dedica ao assunto.

O que deve ser feito senão colocar as informações no papel ou no computador uma por uma, para ordená-las, classificá-las, sentir sua importância e as desenvolver se for necessário, para escrever uma narrativa que cativa o leitor. Por ensaios e erros, escreverá, deixará suas personagens e os acontecimentos à vontade, de acordo com as circunstâncias para escrever o romance. Assim, Flaubert escreverá uma média de cinco vezes mais do que publicou e Proust, noventa e seis cadernos de rascunhos e vinte e um preparados para a edição (passados a limpo), mais ou menos nove mil fólios para três mil páginas editadas.

Na medida em que o tempo passa, cinco anos em média para Flaubert, sete a quinze anos para Proust, funciona uma seleção que consistirá a se distanciar da memória da escritura.

Uma vez transcrito, o manuscrito se divide em saber genético, ou memória do

⁹ A letra da canção pode ser encontrada em: <<http://www.vagalume.com.br/nana-mouskouri/trois-petites-notes-de-musique.html#ixzz1Jujd90M1>>.

contexto¹⁰, e inconsciente genético que funcionam juntos.

Qual é a diferença entre os dois saberes?

O primeiro será utilizado visivelmente e trabalhado até chegar ao texto publicado de uma forma ou outra. Vejam como “le rideau tomba” (“ao baixar a cortina”) passa por duas transformações: primeiramente, “A peine la Berma fut-elle sortie” (“Mal Berma saiu de cena”) e, posteriormente, “la représentation finie” (“a representação terminada”). A informação “ao baixar a cortina” mantém na memória os elementos que ela substitui “Mal Berma saiu de cena” e “a representação terminada”. O texto publicado será assim a metonímia das diferentes versões.

O saber genético pode também desaparecer definitivamente ou reaparecer discretamente no texto publicado. Alguns fatos dispersos no manuscrito vão constituir assim uma reserva para o escritor e uma fonte de saber para o crítico. Eles passaram da memória da escritura para o computador ou o caderno, mas o escritor adia sua colocação ou os elimina.

Cito dois exemplos que fazem parte da “genética da desapareição” como chama Le Calvez.¹¹ É Flaubert que nos manuscritos de *Herodias* inventa uma história do povo judeu diferente, que desaparece durante as campanhas de redação, mas ressurge durante uma discussão entre Antipas e Herodias numa frase apenas.¹² Le Calvez traz um acontecimento também esquecido do manuscrito da *Educação sentimental* que “para nossa felicidade (de geneticista), mostra sempre lados insuspeitos da obra”.¹³

Com o inconsciente genético, deixamos a ciência da informação. O conceito não é (somente) um espaço circunscrito, onde se engolfam informações afastadas e palavras rasuradas ou substituídas, mas um conceito, uma virtualidade que autoriza os estudiosos da gênese a sonhar e a localizar o real do manuscrito [...]. Entretanto, a memória documentária não funciona somente no nível da informação intelectual que registraria um disquete, mas ela é sensível no nível dos afetos. Um saber fez certamente parte da consciência fenomenológica do escritor e foi usado durante a redação do romance ou do conto, mas mesmo se atribuirmos ao autor uma memória extraordinária, algumas informações transcritas na memória afloram e outras não. Uma escolha se faz sem saber e, onde há escolha, há necessariamente “razões” que resultam do coração, diria Pascal, ou do desejo e de pulsões, dirá o psicanalista [...] Além desses motivos afetivos que afetam qualquer escritura e que não aparecem necessariamente, vejo o inconsciente genético também como um acúmulo de lógicas, às vezes contraditórias, que se articulam aos poucos nos manuscritos [...] às quais não temos normalmente acesso, mas que agem à revelia do artista na arte e do crítico no texto.¹⁴

O inconsciente genético é como um disco rígido fragmentado onde os arquivos estão dispersos na imensa extensão do disco de x gigabytes, [...] O manuscrito não permite supor a lógica que o guia como ocorre com a obra publicada que segue a ordem da narrativa [...] Ao decifrar os *Cadernos* de Proust, ou mesmo as margens do manuscrito flaubertiano, o leitor fica

¹⁰ D. Ferrer, *Logiques du brouillon*, p. 109

¹¹ E. Le Calvez, *Genèses flaubertiennes*, p. 274

¹² P. Willemart, *Universo da criação literária*, p. 47

¹³ E. Le Calvez, op. cit., p. 294

¹⁴ P. Willemart, *Educação Sentimental em Proust*, p. 21-22.

desorientado e vê um pensamento em formação, precisamente um pensamento impensado em ação.¹⁵

Meus livros sobre a obra proustiana se resumem numa tentativa de encontrar uma lógica nos trechos analisados. Analisando, por exemplo, o *Caminho de Guermantes*, na *Educação Sentimental em Proust*, procurei encontrar objetos banais, o pião, o capacho, o pereiro, etc. que falam muito mais do que se fossem puros adornos de um quarto, de um salão ou de uma paisagem.

O impensado que deve se tornar pensado na escritura, decorre da memória da escritura e contribui à formação da escritura, mas será que faz parte do inconsciente genético? No estudo sobre o ritmo na frase proustiana na terceira parte do ensaio, veremos que o ritmo resulta provavelmente do impensado para Proust e seria uma das dimensões inconscientes da memória da escritura. Além da gramática, o impensado também contém um ritmo que se constrói no decorrer da escritura que não está dado desde o início como numa melodia ou em certa poesia. A força rítmica desta memória abdica, no entanto, na frente do sentido, da frase, da sintaxe após certo momento de resistência, como mostra a análise dos fólios do capítulo.

Há certamente outros elementos que fazem parte do impensado não previsto e que atribuímos facilmente ao acaso. A memória da escritura que integra o impensado não é, portanto, somente um conjunto de lembranças e imagens, mas cultiva e mantém reservas, entre outras, de ritmo que tentam se impor aos poucos na escritura.

A Memória da Escritura, o Saber Genético e o Inconsciente Genético

Enquanto a memória da escritura é somente acionada durante as campanhas de redação, quando desencadeia, muitas vezes inesperadamente, frases ou fatos novos passíveis de integração à narrativa, o saber genético e o inconsciente genético estão sempre lá à disposição do escritor ou do crítico genético a serviço dos processos de criação ou da lógica do texto. Assim aprendemos a estratégia de Marcel Proust, quando retira fatos do manuscrito do primeiro volume, ou deixa o leitor acreditar em outros, para desmenti-los em seguida, ou recolocá-los nos últimos volumes, como deixa entrever a carta de 6 de fevereiro de 1914 para seu editor, Jacques Rivière: “Esta evolução do pensamento, não quis analisá-la abstratamente, mas recriá-la, fazê-la viver. Estou, portanto, forçado a pintar erros, sem acreditar que devo dizer que são erros: pouco importa para mim se o leitor acredita que acho que é verdade.”¹⁶

Pouca gente distingue a memória da mente da memória da escritura. Assim, o psicanalista Contardo Calligaris quando comenta seu último livro, confunde as duas: “Minha memória é uma espécie de comédia dell’arte, na qual as lembranças ganham vida própria e vão, aos poucos, compondo uma história”.¹⁷

A memória da escritura nunca será definitiva e continuará a juntar informações que se auto-organizam nos dois sentidos, ascendente e descendente¹⁸, transformando

¹⁵ M. Proust, *Correspondance*, v. 13, p. 99-100.

¹⁷ C. Calligaris, Entrevista, *Lançamentos*, abr. 2011, p. 5.

¹⁸ “A auto-organização é habitualmente pensada numa só direção: estúpidos pequenos agentes que geram o todo, e isto para lá. Aqui, apontamos uma dupla curva. O que é importante é esta dupla direção entre dois níveis. O que aparece a um nível superior não é somente uma espécie de alma que flutuaria num Nirvana desencarnado, é com

¹⁵ *Ibidem*, p. 25

o escritor em instrumento de sua escritura, isto é, em scriptor. A acumulação de informações durará até a última rasura, e às vezes transbordará o romance, o conto ou o poema do momento. Uma vez na memória, a informação entra no sistema à procura de outras por caminhos desconhecidos do escritor que, atento a este jogo, traduz e/ou transpõe na página o que lhe convém. A operação exigirá do escritor uma escuta atenta ao que vem sob sua mão; não será uma obediência a um mensageiro que dita como, segundo a lenda, aconteceu com os evangelistas, mas uma atitude humilde de submissão ao que sugerem as palavras que antecedem no contexto já escrito.

Como entender o trabalho da memória no manuscrito dos escritores ou, em outras palavras, quando o escritor abandona uma versão, sua frase inicial ou a palavra, para bifurcar e integrar na escritura um elemento ou uma lembrança não prevista?

Visualmente é bastante simples responder: no momento da rasura. Mas porque rasurar? Só podemos especular sem prova. Uma palavra ou um conjunto de palavras pode provavelmente chamar outras, uma ou outra lembrança. Mas isto basta? Não acredito.

Mesmo se aparentemente nos manuscritos de *Na Sombra das Raparigas em Flor*,

certeza um agente causal que vai, portanto, mudar de base para o que é de suas possibilidades de manutenção. O que se descobre na autopoïesis é como um tema wagneriano: um leitmotiv que se repete em vários níveis e que encontramos por exemplo na resolução do problema da consciência. É preciso entender a consciência, por exemplo, não simplesmente como um fenômeno de emergência do cérebro, mas como uma coisa clara e demonstrável que vai agir, a partir de um sujeito consciente, no âmbito concreto e material da atividade cerebral. Vocês percebem ainda lá que é exatamente sempre a mesma revolução conceptual que temos que manter. O erro de muitos, nos meios da auto-organização, é de conservar somente uma direção, a ascendente e esquecer a direção descendente." R. Benkirane, *Autopoïese et émergence: Entretien avec Francisco Varela, La Complexité, vertiges et promesses*, p. 166.

a frase "Compartilhei o vinho grosseiro daquele entusiasmo popular" chama, num caderno desconhecido entre o caderno 21 e a releitura da última versão, o adjetivo "ébrio", procuraremos mais do que o simples acréscimo de uma circunstância através de uma palavra próxima semanticamente do que antecede; lemos aí um novo sentido ou um acréscimo de sentido.

O estudo dos cadernos mostra que a ordem das sequências já estava clara na penúltima versão. Portanto, a palavra "ébrio" não irá reordenar o texto, mas contaminá-lo dando ao entusiasmo uma conotação de perda de controle ou, pelo menos, fora do estado normal e acentua por antecipação a decepção do herói que seguirá à representação da peça. A comparação passou para o desapontamento. É como se o herói lamentasse não ser capaz de continuar a viver neste clima de ebriedade permanecendo indefinidamente no teatro. O acréscimo engrossa o sentido. O eixo semântico não depende somente do eixo sintagmático, mas, pelo contrário, serve-se dele.

Neste trecho, o escritor não se lembra de um fato e força o crítico a admitir que a memória da escritura que, lembro, é constituída de tudo que quer forçar a porta da página para ser escrito, não se limita a lembranças nem a imagens, mas inclui palavras próximas semanticamente da frase já escrita.

Este exemplo me obriga a dizer que o sentido não decorre forçosamente de uma versão anterior, mas da última: "o depois se fazia de antecâmara para que o antes pudesse tomar seu lugar".¹⁹ Podemos

¹⁹ J. Lacan, *Escritos*, p. 197; "O que se realiza em minha história não é o passado simples daquilo que foi, uma vez que ele já não é, nem tampouco o perfeito composto do que tem sido naquilo que sou, mas o futuro anterior do que terei sido para aquilo em que me estou transformado." *Ibidem*, p. 301

imaginar que a circunstância “ébrio” já fazia parte da memória da escritura e aproveitou a última cópia para inserir-se na escritura e transformar o sentido global da página.

Algumas questões permanecem sem resposta, no entanto, e merecem alguns comentários. Definimos a memória da escrita como uma memória virtual de eventos ou memórias que se relacionam com o tema escolhido pelo escritor. São, portanto, imagens das quais sobram pedaços suficientes para recordar sua totalidade. Mas essa memória tem de contar com a riqueza das palavras que têm elas próprias uma história cujo significado se multiplica dependendo do contexto da frase ou até mesmo do livro em que estão inseridas.

O termo mais comum, a mesa, com o qual Ponge intitulou um de seus livros, pode me lembrar tanto as mesas da minha infância quanto as do colégio, da faculdade ou da universidade. É a palavra “mesa” e não a imagem que lembra os lugares familiares destas mesas cuja imagem muda à medida que um dos lugares onde vivi desfila em minha mente. Neste sentido, as palavras têm uma memória ligada com quem se lembra; esta memória é privada e particular e não compartilhável. No entanto, uma mesa real vista numa loja de antiguidades ou na casa de um amigo também pode lembrar não as mesmas mesas, mas as que lhe são parecidas e por associação, as que a palavra lembra.

Em outras palavras, a palavra, tanto quanto a imagem, chama a cadeia de mesas nas quais comi, estudei, fiz amor, etc., mas a palavra parece mais poderosa porque acessível a todos, não isentando-me da imagem.

E o fonema em si pode chamar lembranças? Eu digo que não normalmente,

exceto para o poeta e romancista, às vezes. Mesmo se este último trabalha a prosa poética, ele não será obrigado, como um poeta, a uma técnica de rimas e aliterações que enfatize a melodia. O poeta não utilizará a memória, neste caso, mas outras palavras ou fonemas.

Referências

- FERRER, D. *Logiques du brouillon*. Paris: Seuil, 2011.
- FREUD, S. *L'Interprétation du rêve*. Paris: Presses Universitaires de France – PUF, 2012.
- IZQUIERDO, I. La psyché humaine. *Multiciência*, mar. 2004. Disponível em: <http://www.multiciencia.unicamp.br/art01_3_f.htm>. Acesso em: 15 maio 2011.
- LACAN, J. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LE CALVEZ, E. *Genèses flaubertiennes*. Amsterdam/ New York: Rodopi, 2009.
- MOURA, M. Visões íntimas do cérebro. *Pesquisa Fapesp*, n. 126, p. 38, ago. 2006.
- NOBLE, D. *La Musique de la vie*. Paris: Seuil, 2007.
- PROUST, M. *Correspondance*. Paris: Plon, 1985. Tome 13.
- QUIGNARD, P. *Le nom sur le bout de la langue*. Paris: Gallimard, 1995.
- VARELA, F. *La Complexité, vertiges et promesses*. Poche: Le Pommier, 2006.
- WILLEMART, Ph. *Universo da criação literária*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- WILLEMART, Ph. *Educação sentimental em Proust*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.
- WILLEMART, Ph. *Os processos de criação na escritura, na Arte, e na Psicanálise*. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- <<http://www.vagalume.com.br/nana-mouskouri/trois-petites-notes-de-musique.html#ixzz1Jujd90M1>>.

Recebido: 12 de agosto de 2014.

Aceite: 14 de setembro de 2014.